Gregor Brilt

A Visão do Bussaco

Texto

A Visão do Bussaco
– Texto
Copyright © 2026 Gregor Brilt (GGT)
Todos os direitos reservados
All rights reserved

Gregor Brilt

A Visão do Bussaco

É realmente assim, que tivessem sido ditas as palavras todas sobre aquela mata, ainda assim tudo ficaria por dizer? E será por isso que os que são amargos não começam a falar? – Mas, do que não se pode falar, sobre aquilo não se deve desistir de escrever.

Esta floresta tem raízes em todo o mundo. Mas não é natureza selvagem. A forma que a mata do Bussaco ganhou tem pais humanos. Esta miscigenação sem par foi plantada por monges. As plantas obedeceram. E até o dia atual elas sozinhas seguem cumprindo com a subida do Monte Carmelo, culminando na Alta Cruz. Lá mesmo as abelhas trabalham de um modo diferente e produzem um mel fortíssimo, preto, amargo-doce, medicinal. Bussaco é a conservação da natureza séculos *avant chaque lettre* de quaisquer tratados ambientalistas.

No centro da mata e em plena época da União Ibérica o Convento da Santa Cruz foi fundado. Mostra feições romanas e espanholas, e a santa mãe fundadora Tereza é omnipresente. O mosteiro respira o espírito e o fervor da contrarreforma na sua fase avançada, ainda antes da derrota pelas guerras confessionais. Arquitetura e imagens da igreja nitidamente cumprem os postulados dogmáticos. As áreas funcionais, o corredor

ambulatório e as zonas de abastecimento mostram a matéria-prima da mata, troncos toscos, pedra não talhada e como luxo relativo um uso extenso de cortiça. Os monges devem ter levado uma vida altamente isolada e dura, mas sossegada, protegidos pela natureza e pelas mãos próprias de vários Papas. Almejam uma Jerusalém celeste, constroem muitas ermidas fora, dentro da floresta, uma via-crúcis com estações, esculpem trilhas e fontes. E plantam e plantam. Dentro deste mundo reduzido e ao mesmo tempo gigantesco, o século XVII parece ter passado sem mudanças de rumo.

No mundo além da cerca, a identidade lusa ressurge com os Braganças. A mata não mostra traços desta mudança de era. Mas mesmo sendo terra sagrada, isenta de todo aspeto secular, protegida por uma muralha circular, o mundo monástico não consegue abster das ondas históricas.

A nova Casa de Bragança mostra-se particularmente dedicada aos assuntos religiosos. Em 1646 rei João, o restaurador, proclama a Imaculada Conceição Rainha de Portugal. É a época do Padre Vieira e das visões dele sobre Portugal e muito além. Ele crê nas profecias escatológicas, desde Samuel, Daniel e Isaías até as Revelações. Ele está dando sermões e escreve, além do barroco do seu tempo, e vê um grande futuro para Portugal, além do Sacro Império Romano e do império turco, que estão lutando nesta época. Vieira está a ver um Imperador além do Imperador e um Papa além do Papa, num futuro que para ele já virou história.

O magnânimo João manda vir desde Roma toda uma capela cheia de ouro e lápis-lazúli, construída lá, desmantelada e composta de novo em Lisboa. Pede e consegue do papa o título de Rei fidelíssimo, e para o cardeal o patriarcado. E desvia-se em amores com freiras. Provavelmente nada de assombrar numa sociedade que habitualmente come maminhas de freiras como

A Visão do Bussaco, Copyright © 2026 Gregor Brilt

doce. Mesmo tendo os cofres cheio de ouro do Brasil, ele não paga muito ao seu viandante em Viena, porque ele sim tem plena consciência de que esse não vale nem um vintém.

José é fraco demais para governar, se perde nas operas e nas caçadas e rende o império ao criminoso do carvalho. Este envia dois filhos ilegítimos de João ao desterro em Bussaco durante não menos que dezassete anos. Segue a exportação dessa mentalidade até a Roma, até os jesuítas – mesmo que pudessem derrotá-la, por fim vamos juntar-nos a ela. Nem sequer a rainha filha pode virar a casa, para uma limpeza. Pedro, o primeiro imperador, volta do Brasil para lutar por a liberdade – e contra seu irmão. Uma vez tendo vencido, Pedro decreta a extinção de todas as ordens e dos mosteiros portugueses, Bussaco incluído. O filho de Pedro fica no Brasil, e encarcera o bispo com verdade demais, de Olinda. A idiossincrasia bragantina produz suas consequências. E toda essa apostasia de vários tipos volta, com aval papal, com o tiro pela culatra de uma vidente contrafazendo em Coimbra, no Carmelo mais próximo do Bussaco.

Como centro da mata, o mosteiro dos carmelitas segue presente, embora apenas como museu bem restaurado. Na floresta, a varanda de Pilatos mantém a presença do governador corrupto. A casa de Caifás replica o ressurgimento do sacerdote alto traidor. As ermidas de São José, do Calvário, do Santo Sepulcro ... todas elas abandonadas e em decadência. Só as arvores, as plantas, os fetos, os abetos, o famoso adernal, só a floresta segue mantendo-se firme na oração em todas as línguas. A flora respira aquele ar puro, atrai as abelhas, deixa cair as sementes, que dão esta atmosfera de alta fecundidade, emite o cheiro da santidade.

Nil obstante, em Portugal se conservará sempre o dogma da fé. Parece que realmente será assim, mesmo, sem dúvida alguma,

não no país inteiro. Mas conservar a fé tem um preço muito alto. Carlos, e com ele a realeza, é assassinado por conta da famosa mentalidade. Paga em sangue. Para os desvios dos antepassados familiares e para as ações boas dele mesmo.

Carlos repete no Bussaco o princípio que já foi implementado em Sintra; o palácio que ergue é construído ao redor de um velho mosteiro. A temática religiosa não desvanece, outra vez. No desenho Carlos opta para o apogeu da casa Avis, a era dos descobrimentos e o estilo manuelino. Isso, em face da derrota pela perda de influência na África e enfrentando a bancarrota do reino. Carlos, dotado de talento de pintor, contrata para esta empresa o cenógrafo e arquiteto italiano Manini. Apesar de todo o carácter operística do conjunto arquitetónico, o conceito e a mensagem são claros. A missão lusa segue, cumprida já no sonho, inacabada na história ainda. Os versos de Camões em vigor, as façanhas portuguesas do oriente ao ocidente como régua. Há de realizar-se, isso dá certo, chegue como chegar.

Hoje, o palácio segue vivo, transformando-se numa escola do original verdadeiro. Para todos os que querem ver.

Por fim, o que mais há de escrever sobre a mata do Bussaco, da qual os filósofos não conseguem falar e os escritores se esquecem de escrever? É de manifestar, que o padrão de plantio no Bussaco é o de um jardim italiano o de um jardim francês? Dum inglês? Ou dum jardim americano?

O evento cósmico de Bussaco é nenhum destes quatro. Bussaco é o jardim consumado dos cinco continentes. É o jardim além dos jardins, e, – certamente e de forma única –, a realização mais visível do Quinto Império.

A Visão do Bussaco, Copyright © 2026 Gregor Brilt